



**amboae superagui**  
janete anderman

medusa



amboae superagui  
rumos de coexistir

janete anderman

**medusa**  
curitiba  
2022

Copyright desta edição  
© 2022 Medusa  
© 2022 Janete Anderman

Edição  
Ricardo Corona  
Eliana Borges

Projeto gráfico  
Eliana Borges

Revisão  
Nylcéa Thereza de Siqueira Pedra  
Leticia Pilger da Silva  
Marcelo Rothen

ISBN 978 65 86276 23 7

Impresso no Brasil / 1ª. Edição  
Foi feito o depósito legal

Editora Medusa  
[www.editoramedusa.com.br](http://www.editoramedusa.com.br)  
[editoramedusa@hotmail.com](mailto:editoramedusa@hotmail.com)  
[facebook.com/EditoraMedusa](https://facebook.com/EditoraMedusa)

## **coleção** **cultura e meio ambiente**

Uma tomada de posição diante da relação  
que mantemos até agora com o planeta,  
agenciando subjetividade, cultura e as  
questões socioambientais.

Incentivo



**EBANX**

**BWT**



PROJETO REALIZADO COM RECURSOS DO PROGRAMA DE APOIO E  
INCENTIVO À CULTURA - FUNDAÇÃO CULTURAL DE CURITIBA E DA  
PREFEITURA MUNICIPAL DE CURITIBA

amboae superagui  
rumos de coexistir



- 9 amboae superagui, sobre rumos de coexistir
- 11 tempo que se percorre até o destino de um tempo outro
- 17 a realidade, uma hipótese remota
- 27 imagens de família vivificam o passado e expandem o presente:  
(re)inventar o presente relembrando o passado
- 33 partida
- 35 sobre um caiçara que foi criança na Ilha das Peças
- 51 noutra semana
- 53 noutro dia
- 57 Willian Michaud de Superagui
- 63 construção de pinholes
- 65 chuva e vento
- 67 fotos na praia deserta
- 73 no outro dia
- 77 encontro com Dorotea
- 83 o fantástico, a fabulação - colocar a realidade em suspensão





amboae superagui, sobre rumos de coexistir

Optei por dedicar os primeiros momentos a um simplesmente estar aqui. Depois, deixei que a atenção se expandisse em uma delicadeza difusa que tudo inclui.

9

Os primeiros momentos necessitam de uma abertura tranquila e sem expectativas. Os primeiros momentos foram livres de qualquer meta, de qualquer futuro; livres de qualquer passado ou lembranças.

Esses primeiros momentos, essa abertura aonde qualquer lembrança, qualquer projeção futura venha e se desfaça espontaneamente como é da natureza criativa da mente. A mente, na sua natureza criativa, trouxe o movimento e os registros de experiências que aconteceram e deixaram o seu rastro, usando desses fios de experiências e tecendo ideias de futuro, desejos, levitações. Nessa criatividade livre, como

- 

é da natureza criativa da mente, tece histórias que surgem, se fazem e se desfazem.

tempo que se percorre até o destino de um tempo outro

As aproximadas doze horas de deslocamento, percorridas lentamente, pelas linhas férreas.

11

Adentrei a Mata Atlântica densa e exuberante e pelas palavras do guia relatei a história e o que passava ritmado por meus olhos. Com o som do metal do trilho do trem, cantava o passado de um projeto ambicioso de 1880, realizado por um engenheiro negro. A imensidão verde vista de cima das escarpas. A Serra do Mar, uma espinha dorsal da região continental de Guaraqueçaba. Floresta Atlântica, umidade, quente, conjunto de montanhas que acabam no mar, Nhundiaquara, caminho do Itupava, conjunto Marumbi, monte Olimpo. Quanta força humana para abrir túneis em pedra e descer,



por aproximadamente 100 quilômetros, 934 metros até o nível do mar. Em Morretes, o ar é lotado de vapor.

Depois, o táxi até Paranaguá, e a espera até as 15h00 para partir. A embarcação já estava ao lado do trapiche. Adentrei o barco "Megatron" e, enquanto não partia, me interessei em espreitar as pessoas e o que levavam consigo para atravessar aproximadamente duas horas de mar, e talvez algumas semanas sem retornar ao continente.

Me senti observada. Mesmo sabendo-os acostumados com a visitação de turistas, eu era uma estranha. Eu e meu bebê no colo. Tímida. Gostaria de parecer invisível, mas toda relação requer um tempo de exposição e um tempo maior de reclusão e silêncio interno.



Partimos pela via aquosa. Me recordo da fachada de Paranaguá, mais bonita pela manhã, quando o sol contrasta com as cores das construções históricas. Essa transição do ambiente terrestre ao marinho, uma marina, depois o manguezal e suas “rhizophoras”, as estranhas árvores que apelidei de bailarinas, pois suas raízes submersas no lodo e depois aéreas elevam a planta acima da água salobra. No livre elemento abaixo de mim, pensei em peixes de toda cor, forma e espécie. Pensei que poderia ver uma baleia. Navegar é preciso.

13

Logo avistamos o porto e os navios. Nossa escala é diminuída. Nos tornamos miúdos diante daqueles cascos identificados por nomes estranhos e bandeiras, carregados de mercadorias contidas em inúmeros containers, com uma tripulação de nenhum, um ou dois marinheiros à vista. Pinças gigantes e camadas de montanhas na

- 

direção do continente. Em direção ao imenso corpo de água salina, muitas manchas de óleo no mar, interessantes aos olhos pelo reflexo furta-cor, mas, como se sabe, asfixiantes pela obstrução da luz. Muitas pequenas ilhas, algumas casas modestas, algumas ilhas com casas bem estruturadas não pertencentes a pescadores. Passamos pela Ilha do Mel, desse lado dos mangues, antena de celular, guarda marinha, praia deserta. O Forte da Ilha, mar aberto. O barco, agora na instabilidade das ondas, às vezes dá vertigem e sono. Cochilamos, apesar do som do motor.

Ilha das Peças, uma praia deserta linda, uma torre antiga caída, muitos entulhos orgânicos, areia branca. Aqui, a viagem parte para uma espécie de aventura devido ao tamanho das ondas e da proximidade com que o barco passa da ilha. Não penso em tragédia alguma. Barcos de pescadores e famílias de botos permitem acesso



a esse meio social ermo. O motor desliga. Todo o silêncio do mundo nesse deslocamento ininterrupto da mutabilidade incessante da paisagem. Outro tempo definido pelas ondas, pela maré e pelas fases da lua. Troquei poucas palavras com Dorotea, uma anciã que estava na embarcação. Sentamos lado a lado e ela me convidou para sua casa, então nossa chegada foi abençoada.

15

Cheguei a Superagui no dia 18 de março, uma terça-feira. No único barco que sai de Paranaguá diariamente e chega entre 17h00 e 17h30, dependendo da maré. Barcos de madeira, de muitas cores, atracados. Já estive aqui outras vezes, mas agora era diferente. E mesmo sempre deixando um pouco de mim nos lugares onde estive, eu era outra. Como um rio que nunca é o mesmo, era agora mãe, e estava fazendo um trabalho de transformar meu olhar em algo. Tenho essa consciência em meus sonhos, quando o que restou dos

- 

lugares em mim toma conta dos meus sentidos e me faz engendrar algo. Eu me propus a dar aulas de fotografia para as crianças da quinta série da Escola Municipal. Liguei dois meses antes. Fechei a data. Tinha vontade de adentrar a comunidade. Fazer parte dela.

Olhei o mar pálido que se misturava ao céu sem poder identificar a linha do horizonte, onde a pista é dada pelas embarcações estacionadas, ondulando em direção à casa do pescador. Lambendo a areia, um vasto traço encharcado brilhante se forma como que até o fim da praia, ponto que o olhar alcança, depois, montes de galhos e outros entulhos orgânicos deixados pela maré alta.



a realidade, uma hipótese remota

Dormimos e acordamos em Superagui. Os primeiros raios de sol e o mar, a cada hora diferente, pela insolação, pelo vento, pela maré. O movimento difere de hora em hora. Singela passagem dos botos. Sempre que passam me fazem mais sensível à paisagem. Me parecem protetores de um portal. Um portal a todo o mistério que as marés carregam e eles guardam.

A ilha faz parte de um complexo estuário do Parque Nacional de Superagui, sendo que a comunidade da Barra de Superagui, onde estou, tem cerca de 1.000 habitantes e demanda turística baixa concentrada nas férias de verão. A escolha dessa ilha como local de experiência de trabalho e de pesquisa se dá devido à



transversalidade do meio ambiente nos processos sociológicos e cognitivos do desenvolvimento da população nessa região. A região abrangida pela Área de Proteção Ambiental (APA) apresenta aspectos peculiares e interessantes. Além de ser uma das remanescentes de Floresta Ombrófila Densa, o habitat de inúmeras espécies endêmicas ameaçadas de extinção, e abrigar sítios arqueológicos, a região também concentra populações caiçaras tradicionais. Existem diversas discussões e estudos relacionados à presença caiçara na região, sendo que muitos a apontam como responsável pela conservação do lugar.

18

Me instalei em uma casinha nos fundos da casa do Capixaba, casado com Dete, avó de Clara, neta de Michaud. A casa, Tyne. Uma cama com mosquiteiro, um fogareiro, sem geladeira, uma pia e vasos cor de barro e um chuveiro frio. Pintada a óleo, verde jade por dentro,



com um mapa, desenhado em siena queimada direto na madeira, e um calendário lunar. Do lado de fora era madeira desgastada e estava a 200 pés do mar.

Saio numa bicicleta com meu filho nas costas, buscando no movimento a energia necessária para sentir o vento e estabelecer uma dinâmica para meus dias. Na praia, rumo à deserta. À medida que meu corpo esquenta no pedal, entro em contato com o meio e me enxergo à parte. Os cães, os tocos, a areia, a espuma, os barcos e a restinga. Tudo interligado como uma rede viva e vibrante. Tudo se influencia mutuamente. Tudo é importante. Meu filho adormece.

Almoçamos no barco sobre as ondas entre 12h00 e 13h00. Clara vai para a escola com sua mãe. Vão de bicicleta. Ela vai e volta no tempo da chaleira levantar fervor para passar o café que vamos apreciar

- 

depois do almoço.

Poucos são os sinais de celular, me concentro em observar o movimento do meu filho, que corre na areia.

Às 14h30 me desloco, andando vagorosamente pela areia, em direção ao trapiche. Ninguém transita ali nesse momento. Somente o vento e as ondas se movem.

20

Chegando à igreja, adentro a vila e alcanço a Escola Municipal de Superagui. Converso com a senhora Rosa e aguardo sentada numa mesa de recreio. Ali, duas dessas mesas fazem parte do pátio da escola. Uma professora trabalha em um manuscrito, e outras duas mulheres e um jovem trabalham na fervura da merenda. Me concentro em respirar, pois poucas palavras são trocadas naquele breve momento. O recreio acontece às 15h e logo o alvoroço inicia.



As crianças, cerca de 60, entre 4 e 11 anos, surgem correndo. O toque das três é o sinal da ebulição. A energia desses meninos e meninas, contida há duas horas dentro da sala de aula, vem à tona.

21

No meu olhar, repleto de nostalgia, de lembrança, aflora um eu criança. Curiosa e tímida. Fui criada livre, numa casa com um grande quintal. Depois do muro dos fundos, mato adentro, fontes d'água e caminhos sinuosos faziam parte do meu infinito *playground*. A rua da frente, asfaltada, era uma grande lousa. O giz e os pedaços de tijolos desenhavam no chão pistas para bicicleta, uma cidade. Amarelinha, caçador, gincanas, palavras na forca, caracol, labirintos, fazendas, fortes, todos traçados na cor alaranjado escuro. Eu e esses mesmos amigos da rua íamos juntos para a escola a pé, era uma escola pública no final de 100 metros de descida. Na escola, nessa mesma hora, praticávamos as mesmas brincadeiras expressadas no correr,



pular, gritar, empurrar, rir e algumas outras a elas harmonizadas. No momento desse passado tangido pela energia das crianças, desperto com o “oi” de Clara e suas duas amigas ao meu lado.

Sou aluna nova ali. Alguns vêm conversar com um olhar que investiga o mundo, sem nenhuma pretensão, sem pressa, sem saber o que dizer, se aproximam mudos. Sentam à minha frente, sorriem, devolvo o sorriso. São lindos seres na meninice em pleno desenvolvimento de independência, detentores de uma razão própria.

22

Às 15h30, entro numa sala de aula. Quatro fileiras de carteiras, minha turma de crianças, e uma luz natural verde antigo tahiti. Lousa verde escura e giz. Na lousa: Superagui, 19 de março de 2014. Geografia. Uma televisão pesada em cima de um armário de ferro. Na parede lateral, ao lado da porta, desenhos a lápis de cor.



Me apresento. Boa tarde! Sou Janete, moro em Curitiba, tenho um filho de 1 ano e 4 meses e estamos aqui na ilha para desenvolver uma atividade artística a partir da imagem fotográfica, o que nos dará a possibilidade de nos aproximarmos e nos conhecermos melhor. Pedi que se apresentassem, um a um, e que me contassem sobre suas brincadeiras prediletas e um plano para o futuro.

23

Assim conheci Marcela, Evelin, Viviane, Pedro, Emília, Betinho, Antonio e Jeferson. Suas brincadeiras me remetem exatamente às mesmas que brinquei. Seus planos eram parecidos com os meus e dos meus amigos na infância: ver televisão, brincar com brinquedos plásticos vendidos em grande escala pelas propagandas publicitárias, jogar videogame. Ser advogado, sem saber exatamente do que se trata, ter a profissão do pai pescador, querer um avião e um carro,



morar na cidade grande, viajar, ser rico, patrão.

Me volto para o quadro negro verde e escrevo com giz amarelo opaco: FOTOGRAFIA, em caixa alta; divido a palavra FOTO/GRAFIA, embaixo de FOTO, escrevo: luz, em caixa baixa; e abaixo de GRAFIA, escrita. Volto para eles e falo: fotografia é a escrita da luz. Passa um tempo, nem sei que tempo passa. Alguém propõe sairmos lá fora brincar, acho que foi o Robinho. Peço licença à professora Vilma e ela consente.

O pátio da escola é delimitado por um pedaço de muro e um não muro, ou uma linha imaginária paralela à trilha na areia, passagem da beira do mar, passando pela igreja, se bifurcando à esquerda, onde passam os moradores que moram mais para os fundos. Pergunto para Francisco onde mora, e a resposta sempre é por referências. Moro

na casa no final da trilha dos fundos, responde ele. Brincamos no lado oposto à estreita trilha, eles se enfileiram, brincam de passar o anel. Depois de telefone sem fio. Participo um pouco, mas prefiro só observar. Respiro fundo. Estou revivendo algo muito similar à minha própria infância. São fragmentos da memória da infância, revelados agora, no instante em que aquelas crianças brincam e gritam e brigam e se cutucam, no momento em que se abraçam, sorriem, e, vez ou outra, se permitem, inseguros pela presença de adultos, eu e a professora, fazer perguntas sobre o que devem falar. Eu nunca respondo. A professora, sim, às vezes respostas prontas, que só fazem sentido pra ela. Vejo o amor que ela sente pelas crianças, em especial pelo menino Roberto, o Betinho, seu familiar. E assim terminamos o nosso primeiro encontro. Pedro vem e me abraça. Dou um beijo na cabeça dele e saio em direção ao mar. A maré subiu. A faixa de areia diminuta que, entre os entulhos orgânicos, dificulta a

- passagem de volta pra casa. O mar sempre presenteia com alguma forma corroída. Procuo algum pedaço de madeira que me interesse.



imagens de família vivificam o passado e expandem o presente:  
(re)inventar o presente lembrando o passado

27

Acordamos e fomos pedalar. Hoje fomos pela trilha que vai dar na praia deserta. Tive que me aventurar em segurar a bicicleta e me equilibrar em algumas pontes caídas onde passam córregos. O cheiro é úmido na restinga nativa e todo o percurso ocorre pela sombra de árvores que se assemelham a moitas gigantes, agrupando-se de forma a manter uma cobertura densa e mantendo a temperatura muito agradável. Muitos pernilongos. Mangues e lodos. Cruzo apenas com um homem e seus dois cachorros. Me contaram que aqui nessa trilha existe um jacaré albino, o que me dá uma certa adrenalina.



Arrivo praia deserta. O deserto que habita em mim. Esse vazio vivo e potencial, para onde fujo em meus sonhos e respiro desgastada. Imensidão inabitada, espaço eterno e infinito. Inebriante, o sol, que te reflete renovada, está quente e agradável em março.

Continuo pedalando com dificuldade pela areia fofa. Minha bicicleta enferrujada, daquelas que se freiam pedalando para trás. Absorvo aquela paisagem em mim, silêncio deserto com ondas e vento e os barulhos do meu organismo. Aves brancas vão pra longe ao me aproximar, reafirmando a remota investigação a que me propus. Estou isolada. Ilhada. Retorno e estaciono na areia. Acomodo o filho adormecido em panos na areia e entro no mar. Naquele momento, dissolvo na água salgada algumas dores físicas que nem havia notado antes. Dores que só a fase adulta pode absorver.

No encontro de hoje, chego mais perto das 15h00, a tempo do lanche. As crianças estão todas no pátio, na trilha, numa venda comprando pirulitos, balas, pipoteca, geladinho. Cada uma com um sacolé colorido na boca, saboreando animadas a cor, o açúcar, o gelado melado. A cena é a mesma de ontem: correm, gritam, riem, brigam, jogam, entram, saem, escorregam, se penduram, balançam, se agitam, vivem, comem, bebem a água da jarra branca de plástico. Bebem achocolatado servido na merenda. É meia hora de puro entusiasmo. Adentro a sala e estão colorindo desenhos traçados por cima dos desenhos de uma pasta com desenhos prontos. Todos colorem os mesmos desenhos.

Ontem havia pedido para que trouxessem alguma foto ou objeto de casa que existisse antes deles nascerem. Queria mostrar no computador como era possível restaurar uma foto antiga, e assim

- 

também conheceria um pouco mais de suas origens. O trabalho foi divertido devido à curiosidade sobre meu laptop e meu celular. Eles se aglomeravam, adorando a tecnologia, como uma criança da cidade grande. Aproveitei esse momento e mostrei algumas de minhas fotos digitalizadas no monitor do computador. Me admirei ao lembrar que eram nascidos entre 2004 e 2005 e a fotografia para eles era algo instantâneo. Não conheciam o analógico. A professora participou, contando como eram os rolos de filme. Comentei dos processos da fotografia, descrevendo e pensando que, entre o momento do registro e a contemplação do resultado final, existe um período de latência da imagem invisível inserida nos sais de prata: o tempo de seu processamento químico de revelação, ampliação e cópia. Isso nos colocava em uma situação de suspensão, fazendo-nos operar na incerteza, às cegas. A tecnologia deu origem a um novo comportamento fotográfico. A velocidade do registro ilustra como banalizamos o



tempo cronológico a partir dos procedimentos fotográficos digitais, apreendendo e processando imagens, aumentando a ansiedade.

Foto por foto, peço para eles me contarem sobre o evento e as pessoas ali presentes. Quem são? Onde eles estavam? Cada informação era valiosa e me interessava profundamente. Era como explorar esses fragmentos do passado e a rede de ramificações e conexões que sustenta e oferece coerência para formas de representação das pessoas. É como analisar um mapa alegórico que se configura a partir de um exercício simples de investigação, para possibilidades do que pode vir a ser um trabalho em conjunto com a comunidade. Depois de nos aprofundarmos nas imagens, tiro uma foto com meu celular, substituindo o scanner, passo por cabo a foto para o computador, abro a imagem num programa de edição e aumento a imagem a 100% e depois a 3.200%. Mostro os pixels que

- 

a definem a partir de formulações matemáticas, substituindo o meio mecânico, óptico-químico.

Depois, aperto o Control+I. Inverto a foto ao negativo. Os olhares encantam-se, como se eu fizesse mágica. Assim é um negativo, e assim também vai acontecer na foto da pinhole. No momento eu explicava como funcionava a pinhole, o buraco em que entra a luz, a caixa preta, a imagem invertida... Salvei aquelas imagens no meu computador e assim tenho comigo um documento das crianças, cada foto nomeada com seus devidos nomes. Constava junto de cada imagem tudo o que sabia sobre elas. Assim como a energia que moviam para desencadear minhas memórias de infância.

partida

Nada de nosso temos senão o tempo, e gozam justamente aqueles que não têm paradeiro.

33

Partimos às 07h00, de carona na voadeira do filho do Capixaba. O mar estava grande enquanto a voadeira rasgava ondas lisas e muito grandes. Toda a paisagem acontecendo ao contrário, 40 minutos até Paranaguá.





sobre um caiçara que foi criança na Ilha das Peças

Um dia, num jardim de Curitiba, iniciei uma conversa com um homem que fazia a jardinagem. Estava em dúvida sobre o nome científico de uma planta. Ele me respondeu dizendo que não sabia, pois fazia pouco tempo que morava aqui em cima. Perguntei de onde era, e ele me respondeu que era de Superagui.

Esse encontro incrível aconteceu no meio da minha pesquisa de campo, durante uma pausa, e expandiu muito minha visão sobre a ilha.

Renato Caiçara, se apresentou assim, dizendo ser um elo de uma corrente que junta duas partes que estão afastadas, facilitando a

- 

entrada da pesquisa na comunidade e da comunidade nas cidades, e na Universidade. Um facilitador que nasceu na Ilha das Peças e que andou pelas comunidades desde muito cedo pregando a palavra de Deus, como evangélico. Assim conheceu todo mundo. Disse que seu pai foi coletor, caçava e pescava. Tirava da natureza para a subsistência, vendendo e trocando apenas o que sobrava. Quando chegou o turismo na ilha, virou jardineiro das casas de veraneio, cuidando das plantas e parando de pescar. Sua mãe, dona de casa, trabalhou na roça com os avós até eles morrerem e depois ficou cuidando apenas dos filhos e da casa.

Sua casa, perto do campo de futebol, assim como todas as casas, localizada por meio de referências: por exemplo, a casa de fulano tem um pé de guanandi na frente. Não existe nome de rua e as casas nem sempre são pintadas. Então, as referências se dão pelas



árvores, ou pelo papagaio. O correio vai para Guaraqueçaba, e a pessoa que recebeu a carta é avisada para retirar a carta no correio, porque carteiros não vão até a casa das pessoas.

Disse que está na ilha tem cinco gerações. A primeira geração foram os índios que chegaram lá. O bisavô não falava português. O pai da mãe aprendeu português durante a vida, sendo que sua língua nativa era o tupi-guarani. Estudou em Peças até o quarto ano do Ensino Fundamental. Depois, sua escola foi a vida.

Superagui foi uma extensão de sua casa, trabalhava para os seus pais, fazia tudo o que eles queriam e na sexta-feira ia para lá. Ia até a ponta da praia de Peças pela orla, andando por aproximadamente 10 km e acenava com uma camiseta para alguém ir buscá-lo. A primeira namorada foi de Superagui. Aos 18 anos, se mudou para lá,



trabalhando para o Instituto de Pesquisas Ecológicas, um projeto de pesquisa em Superagui. Permaneceu por quase 10 anos.

Contou que a lenda de Superagui integra o relato da ocupação do litoral paranaense pelos tupis-guaranis. Os guaranis moravam no interior de Goiás e não vinham para o litoral. Uma profecia determinou que se colocassem a caminhar, a se tornar nômades, abandonando a região na qual moravam. Eles vieram para o litoral em busca da terra sem mal. Um pedaço de natureza separado aonde os carijós, os homens da época, ainda não haviam chegado. Os índios vieram e encontraram os carijós, que eram maiores e comiam os guaranis, que eram mais inteligentes. Já tinham canoas e a música.

38

Entraram em conflito e os guaranis foram massacrados. E dos primeiros 50.000 que vieram, quase todos morreram. Ficaram bem poucos

Mbya. Perceberam que o paraíso eram as ilhas que estavam lá longe. E os carijós, como não tinham navegação, não conseguiam chegar até lá. Os guaranis começaram a se preparar para essa ocupação. E diz a lenda que quando estavam chegando a Superagui e já tinham passado a Ilha do Mel, foram surpreendidos por uma tempestade e fizeram um sacrifício de uma mulher. Ofereceram uma mulher ao mar, e assim conseguiram chegar às ilhas. Essa mulher virou uma espécie de sereia que aparecia para os índios, cuidando do mar e dos rios, não permitindo que eles fizessem nada de errado com as águas. Um dia, um pescador, que não estava pescando nada, fez cocô e xixi no mar. Piragui, a sereia, apareceu, deu um tapa na bunda dele e perguntou por que ele estava sujando o mar e se era do mar que ele pegava seus peixes. E aí ele respondeu que fez isso de propósito porque não estava conseguindo pescar nada. Piragui respondeu que sabia que a mulher dele estava grávida e propôs uma troca: daria todos os peixes

- 

que ele quisesse em troca da criança. Então ela deu todos os peixes que ele queria. Ele chegou em casa e falou para a mulher que havia pescado tantos peixes que queria ir embora. E eles foram. O filho nasceu, cresceu e virou homem. Certa vez, esse homem foi pescar e Piragui apareceu para ele. Enrolando-o nos seus longos cabelos e transformando-o em bebê novamente, levou-o junto dela. Os pais sentiram a falta do filho e foram procurá-lo. Aí o pai se lembrou que tinha feito a troca com Piragui e que provavelmente ela havia pego o rapaz. Fizeram uma pajelança, uma festa de três dias para ela. Ela apareceu na festa, bebeu a bebida sagrada de mandioca, ficou bêbada e adormeceu. Quando adormeceu, cortaram o seu cabelo, desenrolaram o bebê e ele voltou a ser homem. Quando ela acordou, não falou nada, apenas entrou no mar. Diz a lenda que ela continuou aparecendo apenas na gruta de Encantadas, na Ilha do Mel, e encontrava apenas um homem e pedia para ele segredo. Ela



trazia várias coisas que encontrava no mar para ele. Um dia, o homem contou para sua mãe que encontrava com a sereia na gruta, para dar satisfação de onde ele trazia tantas coisas. Aí, quando ele voltou para a gruta, só havia a voz dela dizendo que ia chorar pela eternidade pela sua traição.

41

E até hoje, quando você vai até a gruta de Encantadas, se você fala com voz de homem, escorre água das pedras. São as lágrimas de Piragui.

Renato disse amar o mar e nunca ter conseguido ser pescador. Tinha uma trava para matar. Seu pai queria matá-lo por não conseguir ser pescador. Até conseguia pescar um peixe para comer, mas não conseguia ver todos aqueles peixes mortos. Então, fazia parte da pesca consertando redes, fazendo barcos e remos. Ainda hoje, por



exemplo, no Mopiar, o movimento dos pescadores artesanais, ele nunca foi aceito, embora eles já consigam enxergar que a pescaria não é só o pescador.

Hoje existe uma diminuição dessa atividade, pela falta de peixe no mar. A pesca é inviável. Nos últimos tempos, a possibilidade de ser pescador vem diminuindo e você vê os pais desaconselhando seus filhos a serem pescadores. A pesca industrial ocupou muito espaço no mar e diminuiu muito o estoque pesqueiro.

Quando criança Renato via a cidade na tv, ela era violenta demais. Os seus professores, que vieram da cidade, falavam dela como algo muito violento. Foi conhecer a cidade quando tinha 23 anos. Passou todo esse tempo apenas indo para Guaraqueçaba. Quando foi para a cidade, na mesma semana conheceu Curitiba, São Paulo e Santos.



Chegando em São Paulo, não aguentou o caos e foi logo para a rodoviária em direção a Santos, achando que encontraria paz. Não encontrou nada em Santos. Foi para São Carlos, que era mais interior, e ficou melhor com a cidade. Mesmo sempre evitando voltar para a comunidade, seu papel é muito importante e ninguém mais o faz.

43

A recordação mais forte da infância é de sua mãe o levando na curandeira. Achava assustador, porque imaginava uma bruxa. Havia uma caminhadinha do portinho até a mata, foi olhando os mínimos detalhes e viu o telhado e a fumaça da casa dela, a porta... Quando ela o cumprimentou com o dedo apontado e gelou a alma. Nunca esqueceu. Quando saiu da igreja evangélica, ele foi para esse lado. A casa da dona Ester era um hospital. Tinha aproximadamente 30 caminhas e chegava todo tipo de doente, mulher grávida, todo mundo lá na casa dela. Foi uma vez para fazer um benzimento do



pai, um desligamento de músculo. E ela pegou uma bacia de água e começou a benzer.

Na mata, na natureza, um dia estava trabalhando numa pesquisa e o trabalho era contar os papagaios que passavam, para um censo. E aí, estava numa torre, que tinha uma visão para uma trilha e escutava um resmungo de uma voz muito grave. Se escondeu na sacadinha da torre para espiar. Na época tinha muito palmiteiro. A voz cada vez mais forte. Pensava: bom, daqui a pouco vai cruzar a trilha. A trilha era cercada pela vegetação, viu algo que nunca conseguiu explicar. Era algo como quando você está de óculos e pinga água na lente. Viu umas bolas grandes. Depois, achava que o dono da voz iria passar, e não passou nada. Isso o fez acreditar que existe alguma coisa na mata que gente não vê. Um mistério. Até hoje faz um retiro na mata, ficando dias sozinho, para entrar em contato com esse mistério.



Acredita que naquele dia em que teve aquela visão estava num grau de pureza, que ouvia e conseguiu quase ver. E depois ele perdeu. Se considerava muito inocente ainda. E aquela visão abriu um leque de crenças. E foi aí que procurou por lendas. Sente que as lendas de alguma forma são verdadeiras, são reais. Elas são fantasiosas, e é difícil para as pessoas as tomarem como verdade. É claro que hoje não existe uma Piragui que passa lá e castiga os pescadores, porque senão estariam todos condenados. Todo mundo joga óleo no mar, suja. Mas que existe uma energia e algo que desconhecemos por trás daquilo tudo, sim, existe. Não é preciso fazer esforço algum para realmente acreditar nisso. Quando anda no mato, no mar, na praia, sente lampejos e quase consegue ver. De acreditar tanto naquilo, seus olhos ficam atentos, porque a qualquer hora aquilo vai aparecer. Quando vai para a aldeia, tem uma criança de aproximadamente dois anos que sempre o acompanha, a Luana. Andam pela mata



juntos e ela para e olha, então diz “ó” e aponta o dedo. Renato para, olha e respira. Fecha os olhos e os abre lentamente, e ela faz o mesmo gesto de olhos fechados, apontando. Indaga: “meu deus do céu, o que essa criança está vendo”. O amadurecimento, acredita, vai se afastando da frequência do sutil.

Ele conta que tem uma curandeira que cuida dele e que levou dois amigos antropólogos para ficar um mês na casa dela. Depois que eles saíram de lá, foi conversar com ela e avaliar como tinha sido. Perguntou para ela sobre a diferença entre as pessoas que vivem na cidade das pessoas que vivem na mata, assim como ela, e ela respondeu que não tinha diferença nenhuma, a única coisa é que as pessoas da cidade perderam a intuição. Isso explica o porquê de ele não ver mais, já que também está perdendo a intuição. Ainda é obediente à sua intuição. Na cidade, depois de um ano, se um



lampejo diz para não entrar em determinada rua, não entra mesmo. Às vezes, em casas de pessoas, é até constrangedor. Se algo diz para não entrar, não entra. Costumava passar por cima da intuição. Deveríamos treinar a obedecê-la e sentir. Acredita que a gente tem um EU genuíno e vamos acumulando entulho nele. Às vezes a vida está tão lá embaixo.

47

A lua o deixa num estado sensível demais e quando está muito triste não consegue olhar para ela. Aprendeu com as curandeiras a conexão das fases da lua com as plantas, e, dependendo da fase, as plantas não têm princípio ativo algum. É só o verdinho, a clorofila. Tem que coletar as plantas na lua cheia ou no primeiro dia da minguante que é quando elas têm o princípio ativo para você se curar.

O conhecimento e o pontapé inicial foram dados pelos seus pais. Se

- 

sente um pouquinho de cada pessoa que conheceu. As curandeiras lhe passaram muito conhecimento. Os mestres, os velinhos, mesmo os que morreram vivem nele de alguma forma. Tem hoje o estudo de uma vida inteira e obediência a esses mestres.

A praia deserta, o isolamento, a solidão. O ermitão se torna extremamente sensível. Todo ermitão tem um saber que é difícil tirar dele e fazer com que ele te conte. A solidão é essencial para que se mantenha um espírito puro. O turismo e as religiões não permitem essa solidão. E as pessoas de lá, sem essa solidão, ficam desprotegidas. Hoje, por exemplo, o crack (droga) chegou em Superagui. Um amigo se matou dia desses.

48

O povo acredita que os botos são as pessoas que morrem e desaparecem no mar. Eles viram botos. Por isso os botos passam

na beira do mar, na frente da vila, e olham para a comunidade. Isso fez com que eles fossem protegidíssimos e respeitados. Hoje não, mas antigamente, quando esses botos passavam e olhavam, era choradeira das mulheres. Eles passavam e observavam seus antigos barcos, e assim a comunidade corria para arrumá-los e pintá-los, arrumar as redes e colocar tudo em ordem, pois poderia ser o seu antepassado olhando. A crença do dia de finados: os mortos passeavam às seis da tarde pela vila. As famílias, mesmo brigadas, se reuniam na casa do mais velho para fazer orações. As mulheres passavam vassoura de piaçaba nas trilhas, para ver se deixavam alguma marca. Se o cachorro latisse, era um sinal. As crianças temiam muito. Isso acontece ainda em algumas comunidades.

O tempo-relógio não se pratica muito por lá. O tempo-relógio é uma prática do capitalismo. O tempo é muito mais flexível nas

- 

comunidades mais isoladas.

Nesse dia, ganhei uma flor de girassol para secar e depois plantar.



noutra semana

51

Na mesma hora de uma outra terça-feira, retornei a Superagui. Todas as coisas permaneciam em seu devido lugar. Lembro de ter deixado na frente da pousada um banquinho para me sentar e olhar o céu à noite, e ele ainda estava lá, como uma pista de que ali os objetos não têm lugar para permanecer, não são guardados. Se movem apenas quando se necessita deles, numa organização desordenada e permanente.

Havia três mulheres viajantes fazendo macramê. Após colocar minhas coisas em meu quarto, sentei-me com elas para ver o pôr do sol. A movimentação de fim de tarde de todos os dias de semana. Crianças, carroças e cavalos, cachorros correndo e latindo, alguns pássaros e

- 

botos. O ondular dos barcos de madeira atracados. Evelin e Viviane, que participam do nosso encontro marcado na sala de aula, passam com a mãe de uma delas e param ali para prosear conosco.

O sol se põe às 18h30 atrás da Ilha das Peças, logo à nossa frente, depois de uma faixa de mar de cerca de 80 m. Ali na frente a praia é deserta. O povoado encontra-se a 10 km dali. As cores da paisagem, espontaneamente, antes de se transmutarem em escuridão, ganham tons rosados, e uma espécie de ritual acontece entre olhar a beleza e a brincadeira das meninas ao lado e o bebê que foge da onda que estoura. Algo transmuta também em nosso corpo interno, delicadamente, como uma despedida aos últimos raios de luz desse dia, convidando-nos ao início do recolhimento noturno.

noutro dia

53

No outro dia, acordo e novamente vou pedalar até a praia deserta. O mesmo esplendor da solidão da paisagem e do silêncio interno, exceto por eu estar acompanhada da minha mãe e do meu filho. Ihada dessa vez estava com nada mais além de observar o mar, a areia, e ter fôlego para pedalar com 10 quilos nas minhas costas. Dois cachorros acompanhavam a gente. Pedalamos por cerca de 15 km entre ida e volta. Comentei sobre a casa de Dona Flor, que vive ali na praia deserta, restinga adentro. E que algumas pessoas escolhiam um isolamento maior acampando no quintal da casa dela. Uma das crianças da minha turma é neta de Dona Flor.

Lembrei do Renato, que contou que quando criança gostava de



procurar brinquedo na praia, nas caminhadas, e até hoje a criança faz isso. Sair para fazer uma caminhada de uns 2 km, procurando brinquedos ou alguma coisa trazida pelo mar. Seu sonho era que um dia iria encontrar um barquinho com gente bem pequenininha e ele seria o gigante que iria ajudá-los. Saía andar na praia, e isso o impulsionava, de tão real essa procura. Um dia, contando para um senhor, ganhou um livro, *As viagens de Gulliver*. O livro trouxe a possibilidade de literatura. Na escola, você é alfabetizado. Mas foi aprender a ler depois desse livro que ganhou. Depois, ele leu muitos outros. Ganhou gosto por livros.

54

À tarde, fui para meu encontro marcado. Cheguei às três e na sala percebi que as meninas pulavam amarelinha. Que nostalgia. Fiquei esperando o sinal e observando a brincadeira.



Hoje, trouxe um projetor e várias imagens de cartões-postais ao redor do mundo. Reproduzi a cena da caverna de Platão, alterando as condições de confinamento, ampliando as ideias, apresentando e retendo o mundo como “coleccionável” (coleccionar fotos é coleccionar o mundo). Essa tecnologia, o computador e o projetor, nos permitiu nos relacionar com um fazer de conta onde o real e o imaginário incorporam o ambiente, e as imagens nos levam a outro lugar. O grau de interatividade foi ampliado pela dimensão das imagens que o projetor possibilita, criando um novo espaço e um novo tipo de contato, criando assim uma ilusão de viajar e conhecer a paisagem de todos esses cartões-postais.

A dimensão da Torre Eiffel surpreende-os pela escala humana que estava também presente na imagem. Veneza foi comparada a Paranaguá. O Cristo Redentor, conhecido da Rede Globo.

- 

Elefantes das savanas africanas, dos desenhos animados. Pirâmides do Egito, Florestas de Sequoias. Cataratas do Iguaçu, Taj Mahal e outras maravilhas do mundo. Depois, mostrei algumas imagens que poderiam nos proporcionar sensações: um bolo de chocolate, pessoas num parque de diversões, modelos apresentando um corpo dito como ideal. Comentei que as imagens poderiam nos vender muitas coisas, e que assim eram utilizadas pela publicidade. Coloquei aquilo como algo crítico, pois muitas dessas publicidades eram feitas para as crianças, fazendo com que elas sentissem muita vontade de comprar brinquedos e alimentos que aparecem na televisão, acreditando que fazendo aquilo se sentiriam mais felizes. O monitor foi desligado sem querer por Antonio, que parecia inquieto. Apago meu computador, e voltamos à sala de aula.



## Willian Michaud de Superagui

Hoje emprestei um livro do Capixaba para mostrar aos meninos. Willian Michaud, além de ser reconhecido como pintor e ter suas obras no Museu de Arte do Paraná e em coleções particulares, viveu em Superagui, e pintou as paisagens da ilha, correspondendo-se com sua família na Suíça. Em 2002, em sua cidade natal, no sudoeste da Suíça, no Museu Histórico de Vevey, aconteceu uma exposição com 76 grafites e aquarelas do artista, 102 anos depois da sua morte. O museu foi além e publicou também as 71 cartas que ele escreveu para sua família durante os mais de 50 anos em que viveu no Brasil. As figurações das obras são muito bem impressas, possibilitando uma formidável imersão no livro, no qual infelizmente os códigos da escrita encontram-se indecifráveis pelo nosso pobre vocabulário francês.

- 

Nas primeiras páginas do livro, na mesma árvore genealógica, estavam as fotos de algumas pessoas ainda vivas em Superagui, e outras não, que eram descendentes de Michaud. O mais incrível é que uma das crianças era descendente, e mesmo assim não conhecia a veia artística do seu antepassado. Folheamos o livro, reconhecendo as paisagens e a flora local. Pelo livro também era possível perceber que antigamente plantava-se café e mandioca na ilha. Houve muita distração, e além de mim, apenas Evelin e Emília chegaram ao final do livro. Os demais encontravam-se distraídos com outras coisas na sala. Minha percepção sobre eles é que estavam tão acostumados à paisagem, e cotidianamente inseridos nela, que aquela distração era apenas uma expressão imediata da relação que tinham com o que lhes era tão comum ao pulso de estar vivo. Seus olhos estão habituados, e poucos se manifestaram ao se apresentar. Haveria algum detalhe que eu pudesse mostrar e que eles não tinham percebido? Apenas

a técnica do artista poderia ser algo diferente? Tinha a paisagem perdido seu valor? Como eles olhavam para ela e para si inseridos nesse contexto tão novo para mim, tão inato a eles? Os que se foram não chamei novamente, deixei que embalassem seus corpos como se eu não estivesse ali para quebrar o fluxo de seus pensamentos, da relação deles com eles mesmos. Adorava ver essa relação. Alguns mais excluídos que outros. Uns mais fortes, outros mais meigos, outro mais inteligente. A outra esperta, a pequena, a irmã que estava ali hoje, ao invés de estar na sua própria classe, a neta de Dona Flor, que não veio nos primeiros encontros, o que sofre *bullying* porque é fascinantemente diferente, e o mais velho. E outras tantas facetas da personalidade tão evidentes no momento de ser criança.

Betinho, inquieto, começou a negociar um passeio. Eu falei que precisava de autorização para poder sair com eles da escola. Ele,

- 

arraigado, me convenceu a ir pedir essa autorização. Honrei sua persistência. Ameaçava chover e eu não estava sabendo muito bem como lidar com a responsabilidade de sair com eles da escola. Fiz me prometerem que ficariam todos juntos. Depois da autorização, adentramos a trilha sentido contrário ao mar. Passamos por uma boia de navio, e muitos correram para subir nela. Era enorme e macia ao olhar, por ser borracha. Pedi que tomassem cuidado ao subir, pois temi que algo pudesse acontecer, que aquela boia de navio rolasse e esmagasse alguém. Resolvi não pensar em nada trágico. Crianças têm senso reduzido de autocuidado. São inconsequentes, pouco temem fisicamente. Me aliviei quando falaram que sempre faziam aquilo. Subiram, fizeram pose. Registrei e chamei de momento de demarcação de territórios divertidos. Ficamos ali por um breve momento até que, de dentro de uma casa de madeira, com a janela aberta, um senhor resmungou alto, que traduzi como para ficarmos



quietos. Como responsável, tive que chamar a atenção, o que causou a continuação do alvoroço, em que um empurrou o outro, que caiu na cerca e fez um corte no tornozelo. O menino forte e mais velho pede desculpa ao mais novo e assim respiro aliviada. Apesar do leve corte e do pouco sangue, ele se desculpa olhando nos olhos do acidentado, que se recupera rapidamente e passa a caminhar mancando. Um ardor junto com a pazinha de plástico vazada de merthiolate e o band-aid me vieram à mente, dou uma atenção especial ao menino e o ajudo a caminhar, falando que seria melhor não fazer nada e esperar o sangue secar sobre o corte. Não tínhamos água para lavar. E ele declarou que estava tudo bem. Continuando pela trilha, eles cantarolavam péssimas músicas *pop*, disse que não me agradava ouvi-las, então pedi para que inventassem uma música nova. Minha brincadeira não foi para frente, e eles iam me mostrando possíveis territórios divertidos, mas nenhum era tão

- 

incrível para ser demarcado. Raízes, buracos, uma placa com uma careta desenhada estilo grafite contemporâneo, um espantalho. E eu queria olhar tudo, e mais os quintais das casas, as texturas, as hortas nos vasos suspensos. As cordas grossas com musgos, os tapetes de musgos, a areia varrida, uma árvore com raiz exposta. Percebi que um assustava o outro, e procuravam vestígios de algo misterioso, sem encontrar nada. Fiquei curiosa, mas eles não me revelaram nada. Desconversaram. E eu me distraía facilmente, como um estímulo à possibilidade de observar a ilha como criança.

62

As crianças, ao brincarem, situam-se na dimensão do sonho, do devaneio. E, para elas, a brincadeira é o que existe de mais importante.

## construção de pinholes

63

Iniciei a construção das pinholes com eles. E, durante a construção, conversávamos sobre como seria captar paisagens da ilha, sobre o instante fotográfico dissolvido num tempo maior, de aproximadamente dez segundos se o tempo de sol estivesse presente. Penso também sobre a possibilidade de proporcionar meios para que essas crianças possam se apropriar de um acesso de prática de cultura. Como acolhê-las e dispor de um encontro com a arte? Como apaixoná-las e libertá-las? Não cabe a mim? Cabe a mim? Ao construir aquele brinquedo portátil e captador de imagens, pude revestir a fotografia para a língua das crianças, em suas frases habituais, pude dar sentido a nossas práticas, pude tornar tangível o sentir que trabalhamos o suficiente. Enquanto produzimos essas pinholes, produzimos máquinas de subjetivação.





chuva e vento

O tempo virou. O mar calmo da frente da pousada agora tem ondas. Passei a noite escutando a chuva e o vento. Passeamos pela ilha mesmo assim, pelo lado oposto da praia deserta. Fui para a escola e precisei atravessar um alagamento na frente da sala de aula.

65

Mar revolto. Rajadas de vento forte, mudando gradualmente. Mari e Ceci chegaram. Travessia tensa e demorada, é preciso contornar a ilha por trás.

À noite, saí para ver as estrelas, a lua estava cheia, nascendo da ilha. A praia movimentada pela saída dos cultos religiosos. Uma luz atrás da Ilha das Peças. A luz dos barcos e da fila dos navios, à esquerda.





## fotos na praia deserta

67

Fomos, logo pela manhã, para a praia deserta. As duas com os pequenos no *sling*, de bicicleta. Estacionamos na praia e levantamos uma espécie de acampamento, para assim poder trabalhar e experimentar com as crianças. Propus à Mari que, a partir de um fio, que denomino fio-placenta, experimentasse o lugar através do corpo. Fiz de minha máquina fotográfica uma pinhole digital, o que me permitiu longas exposições da nossa experiência.

O dia estava ensolarado, entre nuvens. A luz suave, sem sombras duras. A temperatura, extremamente agradável. Permitindo uma exposição tranquila aos raios de sol. O valor desse ato foi captado em tons de lilás pelo dispositivo digital. O movimento do corpo feminino,

- 

revelado para exprimir uma ideia. O gestual de um acontecimento. O contexto, uma praia deserta, transpondo a realidade numa breve experiência estética. Ritualizada como forma para produzir uma relação com o mundo, pela sua trajetória, invocando a profundidade de todo sentido possível; irrevelada, mas manifesta, atraindo o fascínio das sereias.

68

Foi muito trabalhoso realizar as fotos. Dividimos nosso tempo de experimento com a função de ser mãe. Alimentar, trocar a roupa molhada, e mediar a relação de um com o outro para não ocorrerem choros desnecessários. Ficamos por duas horas ali, e foi uma experiência gostosa, porém extremamente cansativa. Na volta, ainda tivemos que empurrar as bicicletas por um longo período, devido à subida da maré. E precisamos parar algumas vezes e arrumar o equipamento que estava numa caixa, que desprende da bicicleta.



O fio-placenta foi de grande utilidade aqui, pois fixou a caixa novamente na garupa.

Fui contando a história de um navio chinês que foi encontrado quase que completamente abandonado na praia deserta de Superagui. Era 1970. O mar por aquelas bandas traz de tudo: madeiras, muito lixo, caixões, corpos e outras coisas que até dão para aproveitar. Mas desta vez trouxe um navio enorme, de 45 metros de comprimento. O navio era pesqueiro, se chamava SIN HAY II, com apenas três tripulantes a bordo, dois deles amarrados ao mastro.

Segundo relatos, o navio partiu de um porto no sul da ilha de Taiwan, na costa da China, em 1969. No trajeto, atracou nas Ilhas Maldivas e nas Ilhas Maurício, no Oceano Índico. Passou pela Cidade do Cabo, na África do Sul, se lançou no Oceano Atlântico, em direção ao Brasil

- 

e encalhou na praia deserta da ilha de Superagui, a pelo menos seis quilômetros da vila.

Antes do navio encalhar, houve uma tragédia a bordo. O cozinheiro enlouqueceu e conectou a mangueira que levava oxigênio aos alojamentos dos tripulantes num reservatório de gás amônia, usado para congelar os peixes. Com isso, quase todos os tripulantes morreram asfixiados porque o cozinheiro trancou por fora as portas dos quartos. O marujo alucinado poupou o comandante, o chefe da casa de máquinas e um marinheiro, que foi obrigado a jogar os corpos no mar e depois se matou.

O assassino da tripulação foi preso e mandado para a China, onde consta que foi executado.

Tiveram que montar um sistema de força de aproximadamente 30 toneladas para desencalhar o navio. Uma única seguradora se interessou pelo trabalho, falhando algumas vezes e tendo que esperar mais de seis meses entre uma falha e outra por conta da maré, porque tinha que ser maré alta. Diz que tinha um cuidador do navio que criava um galo preto, e quando foi para a vila, o seu ajudante sacrificou o galo e o comeu. Acontece que o cuidador já tinha prometido o galo para algum santo, o que teria feito com que mais uma tentativa falhasse. Quase desistindo da empreitada, porém, o navio estava de novo navegando. A população nativa ficou com muitas histórias de assombrações, guardaram muitos pertences do navio, inclusive foi até feita uma moda de fandango do fato, que infelizmente não se conhece mais.

Almoçamos e, depois do cochilo, passamos a tarde explorando a ilha,

- 

os arredores da pousada. A aroeira estava com muitas bolinhas de pimenta rosa aos seus pés. Lembrei de fazer a brincadeira criada uma vez na Ilha Comprida com os sombreiros. Embaixo da árvore, fala-se ritmicamente “sê sombreiro, sê a sombra do sombreiro” e, quando se diz “sombreiro”, imitam-se as raízes, galhos e folhas, com posturas rígidas e quando se fala “sombra”, se espalham, em posturas com movimentos mutáveis. As crianças, Aires e Ceci, adoram.

72

Arbóreo, arbustivo e herbáceo, epífitas, samambaias, musgos e líquens como vegetação da restinga a se observar. Fui mostrar a escola para Mari e rever as crianças. Mari ficou chocada com a quantidade de doces ingeridos. Aliás, ela se chocou muito com a realidade dos cachorros e o lixo espalhado pela praia, delatou um certo desleixo para com o meio natural, que eu resolvi ignorar por algum tempo.



no outro dia

Novamente fomos para a praia deserta, dessa vez apenas eu e Aires. Momentos únicos vivenciados. A luz e o instante não recortaram apenas um fragmento do tempo. Foi como se um pedaço da matéria que ia embora com o movimento das ondas tivesse sido armazenado, assim como quem guarda uma marca, essa na alma, dos incansáveis encontros do amor entre eu e meu filho, escorrendo na forma de luz captada.

Aires. Criatura nascida do meu ventre. Um menino. Meu amado eterno. Me desdubro em mãe sua, para que possa me acompanhar na arte de descobrir e de experimentar. Te amo em tudo o que expressar.



Ficamos ali, experimentando por poucas horas, a paisagem da praia deserta. A essência da imagem é estar toda fora.

Voltei, como sempre, procurando algo. E até uma dentadura avistei. Pensei ter visto um ninho, e voltei para catá-lo. Quando percebi, a praia toda estava cheia desses bolos de entulhos orgânicos, misturados com fios e outros restos de lixo, como linhas de pesca. O mar e o movimento das ondas os moldam. Ora os absorvem, ora os cospem.

Hoje fui para a escola logo após o almoço, não tinha com quem deixar Aires, então ele foi no *sling* e adormeceu. Peguei as crianças e voltei para a pousada, onde havia construído nosso laboratório de experiências. Uma sala escura com luz vermelha para revelar as fotos. Máquinas armadas, saí com oito crianças. Elas estavam agitadas, e



fazendo muita bagunça. Eu só queria que elas tivessem a experiência de ver uma foto se revelando diante de seus olhos. Nosso tempo foi curto. Nessa primeira tentativa, apenas quatro fotos tinham alguma informação, e eram muito turvas. Eram três da tarde, eles foram lanchar, e eu fiquei colocando papéis nas latas.

75

Na volta, saímos longe. Demos uma grande volta, e, no caminho, íamos parando e fotografando. Ora com a pinhole de alguém, ora com o meu celular. Eles estavam muito alegres em caminhar pelas trilhas. Voltamos pela beira-mar, e fiz alguns retratos com a pinhole da caixa de fósforos. Eles não conseguiam acreditar que a caixa de fósforos tinha se transformado em uma máquina fotográfica.

Após o passeio, retornamos ao laboratório e, para a frustração de todos, nenhuma das fotos revelou, e já era hora de ir embora...

- 

Nos despedimos, e as quatro imagens criadas pela pinhole deles, sombrias, remetiam a um pesadelo em preto e branco. Pedi para ficar com elas, e disse que inverteria a imagem para, depois, enviar os resultados a eles por carta.

E foi assim nosso último encontro. Nos despedimos.



## encontro com Dorotea

77

Dorotea, uma senhora antiga, nos encontramos na travessia e ela me convidou para sua casa. Cheguei lá no meio da tarde, era à beira-mar. O rosa desgastado da madeira brilhava em contraste com um céu azul. No meio do terreno, uma canoa dessas esculpidas em um tronco só. Santa Maria, a canoa, agora era vaso, e estava repleta de camomila, baleeira, dormideira, alecrim, manjericão, arnica e rosa branca. Fui me aproximando e ela abriu a porta sorridente, já me convidando a entrar. A casa, por dentro, era de madeira escura limpa, com cheiro de pão e coleção de crochês amarelos. Foi logo perguntando o que eu estava fazendo aqui na vila e respondi que era uma artista curiosa pela natureza.

Dorotea começou a falar com uma voz suave e grave, dizendo que



observamos a natureza sem conhecê-la, pois este amor está marcado em nossa alma. Falou que recebemos esse sentimento da nossa mãe, e quando nos tornamos adultos projetamos a nossa mãe nessa natureza, e o amor torna-se infinito. O mar é esse símbolo materno. O canto profundo que atrai, há tempos, todos os homens. Essa voz é a voz maternal, e nela estão lembranças mais antigas, memórias dos nossos antepassados, e o princípio ativo da imaginação e da nossa força amante. Dorotea mostrava a paisagem pela janela e continuava com os olhos fixos nos meus, me encantando com suas palavras. Continuou.

Se amamos uma paisagem e estamos solitários, compensamos a ausência dolorosa. A paisagem não nos abandona, e transformamos essa realidade em nossa alma. Assim como nossa mãe nos alimentou com seu leite, alimentamos nossa alma com a imagem da natureza. Dorotea tocou minha mão com sua mão de pele escura e veias



saltadas, dessas que já carregaram muitas histórias e abençoaram muita gente. Pude sentir a sua ternura, em seu gesto de avó, um conhecimento ancestral, desse que cura com plantas e rezas.

79

Assim como todo líquido é uma água, para nossa imaginação, tudo que escoa participa da natureza da água, e toda água é leite materno distribuído em sacrifício. Um alimento completo, levando com perfeição o remédio das ervas que afugentam doenças do corpo para que possamos gozar felizes e contemplar o sol por muito tempo. Meu corpo entrou num espécie de transe, e conseguia sentir minha circulação, e ela falava com mais fervor sobre sua adoração pela maternidade das águas. Era como um ato psico-mágico de cura em mim, apenas com suas doces palavras. Falou do peixe que jamais morre de fome e flutua como num sonho, assim como a criança no útero, no plano cósmico, o abrigo e repouso nas curvas da mulher. O leite materno é o calmante que contempla a paz, tornando as

- 

solidões macias. O reino poético é o alimento, no sono ou na vigília, e a realidade imaginária é evocada antes de ser descrita. A lua também é um fluido antes de ser matéria. Imagina-se a criação, e a vida das coisas, com luzes vitais, com as sensações de nossos órgãos, com a placenta que comunica mãe e filho, nutrindo todo o macrocosmo e o microcosmo. Esse elemento líquido que tem água e ar, céu e terra, com a paz da alma indispensável, a brancura do leite, um ultraleite, o leite da mãe das mães.

80

Sussurrou, por fim. Essa é a essência da natureza, a água profundamente feminina. A água e o calor. Um temperando o outro, num encantamento pela substância. Meditar nessa água é se deixar repousar e embalar numa relva macia, numa volúpia misteriosa da natureza.

Fiquei extasiada com suas palavras e, depois de um tempo em silêncio, perguntei sobre a fúria do mar. Ela, com olhar de temor,

retomou dizendo que era necessário conter essa fúria em si mesmo, pois ninguém pode comandar a fúria do mar. Esse é um sonho sobre-humano e infantil, como a criança que joga conchas nas ondas e escapa correndo. A água, quando se torna má, é masculina e é do mundo atual transformar a feminilidade em meros ventres. Porém, é desse ventre que se faz toda a criação. Um corpo de mãe não quer guerra. A água devolve-nos às nossas mães. Um homem, para criar, precisa retornar ao útero, em um sonho com seu lado feminino. Sua mãe. É preciso estudar as delicadezas. Um homem apenas com seu lado masculino é bruto, destrutivo. Um homem equilibrado cuida de sua mulher. A protege. Dedica a ela uma semente, um lar, sua força de trabalho, lealdade. O presente e o futuro residem nesse equilíbrio entre ser masculino e feminino. Para construir, é preciso tecer entre as polaridades...

Adormeci com suas palavras. E ao despertar, meu corpo parece

- 

que esqueceu toda a exaustão. Fui embora flutuando como uma substância vaporosa, abençoada pela curandeira da ilha, vendo o sol se pôr no imenso útero que é o mar, para amanhã nascer de novo.



o fantástico, a fabulação - colocar a realidade em suspensão

Nos meus encontros com Renato na cidade, muitas perguntas adentraram a curiosidade de como é passar a infância numa ilha, e as repostas me levaram a um campo da subjetividade no qual a minha subjetividade e a subjetividade de Renato deram vazão a uma troca de significados entre o real/imaginário, o racionalismo/inconsciente e a ficção/realidade. E nesse jogo de trocas, a possível expressão de interioridades, colocando a realidade em suspensão.

A partir desse encontro, repensei meu deslocamento da cidade para a ilha, também como a transmutação da minha realidade para um personagem e a exuberante natureza local como a morada de lendas e mitos, além de um possível palco para rituais de imersão. Me permiti vivenciar experiências próximas do inconsciente, do sonho e das narrativas arcaicas da humanidade, permitindo assim

- 

um encontro com meu desejo pessoal de harmonia com a natureza. A realidade física se dá com a presença da artista performer e amiga Mariana Barros, e nossos filhos, Cecília e Aires, que experimentam o corpo e o lugar, junto com um elemento de uso em outras obras anteriores a essa, que denomino fio-placenta. Breves improvisações com o corpo e a espontaneidade das crianças pequenas, que estão muito longe da razão e do mental na experiência. E assim realizamos uma série de fotografias, com uma pinhole digital e um celular que documenta essa experiência com diversas texturas do ambiente, um convite a perder a identidade e encontrar outra.

O resultado se dá nos elementos visuais estéticos das imagens criadas pela pinhole, uma estética de sonho, como a figuração de lendas. Essa expressão alegórica transmite um ou mais sentidos que não o da simples compreensão literal, abrindo possibilidades de criação de novas realidades, a partir da constatação de realidades deslocadas.

Amboae, segundo um dicionário *online*, significa “outro” em tupi-guarani. Para Renato, pelo som de sua leitura, soa COBRA.

Janete: qual cobra é especial por lá, Renato?

85

Renato: todas as cobras, a amarela e a preta são sagradas. caninana.

J: cani parece cão. nana pequena. ela é preta e amarela.

R: existem lendas que envolvem as caninanas.

J: me conte a lenda!

R: caninanas são atraídas por grávidas e mulheres apaixonadas.

J: que surpresa!

- 

R: e mama no peito e dá a ponta do rabo para a criança.

J: que louco isso, por quê?

R: ela reforça uma regra de higiene.

J: tive uma visão agora.

R: me conte.

86

J: achei que a cobra nutrisse a criança com uma vitamina, ou uma espécie de vacina.

R: olha, nunca havia pensado por aí...

J: que regra é essa?

R: espalha-se o medo de que a cobra venha mamar e as mulheres assim cuidam melhor da higiene da mama.



J: oh...

R: tem que levar em consideração que esta é uma lenda indígena.

J: sim.

R: as índias ficam com os peitos de fora.

87

J: é verdade! e quais são mesmo as cores da caninana?

R: amarela e preta.

J: você já viu alguma? ela é venenosa?

R: eu sei onde tem uma.

J: no passeio público?

R: não, na casa do pajé.

J: uau! de estimação?

•

R: não, ela fica por causa do calor da fumaça.

J: e o outro, o outro ali na aldeia, como eles se referem? você conseguiria escrever o som aqui?

R: a crença diz que ela fuma a fumaça do cachimbo do pajé.

J: que incrível. quero ver essa cobra fumar. existem expressões assim, né, como “agora a cobra vai fumar”...

R: nhende mbya.

J: é possível se referir a qualquer pessoa assim como nhende mbya?

R: não, nhende é nosso, e mbya gente.

J: que bonito. como seria um outro que não um inimigo... uma outra comunidade que não eles?

R: vou perguntar.

J: tá.

R: estou começando uma brincadeira com você, uma viagem por uma floresta imaginária, onde vou conhecê-la melhor. posso continuar?

J: pode.

R: quando você imagina uma floresta, como é?

89

J: verde vivo úmido, com uma luz aconchegante. imagino o silêncio e meu interior conectado com a vida.

R: e tem uma trilha ou algum lugar por onde você possa andar? quero que você caminhe e me fale sobre o lugar onde está andando.

J: quando ando, sinto o orvalho nos pés até a altura do joelho. é quando eu toco a floresta ou ela me toca. estou sendo lambida por esse orvalho. ele é frio, mas como estou caminhando há algum tempo não me importo.

•

R: à frente você encontra uma casa. não se aproxime. descreva a casa de longe.

J: é de madeira. tem uma canoa na frente. parece estar abandonada, mas não está. tem uma pequena clareira permitindo que o sol penetre suas janelas e telhado.

R: que legal, agora entre e conte como é por dentro.

90

J: está vazia. com cobertores e muitos tapetes no chão, esticados. tem várias estampas. algumas bem coloridas. tem luz natural entrando por uma claraboia e pela janela grande da cozinha. é pequena e muito aconchegante. está um pouco bagunçada. alguém mora ali, ou está por perto, ou saiu sem arrumar.

R: você sai da casa e encontra um lago. fale dele.

J: ele é imenso. pouco se vê da outra margem, mas dá pra ver uma



pedreira do outro lado. o lago está refletindo o céu, que está azul-outono, sem nuvem alguma.

R: você se banhou?

J: não, está frio. subi numa canoa e remei. ela estava ali na beira do lago, não pude resistir. o único movimento nesse azul era o movimento da canoa e o remo.

R: legal. depois você saiu do lago e encontrou com algo que impedia sua caminhada, o que era?

J: parei para conversar com o dono do barco e da casa, que era a mesma pessoa no caso (rs). pedi desculpas por entrar na casa, mas disse que estava com sede, e que não pude resistir ao passeio com a canoa.

R: kkkkkkkkk. depois te conto o que significa. vamos marcar uma conversa, agora preciso ir.

•

(conversa no outono de 2014, via mensagens de Facebook)

















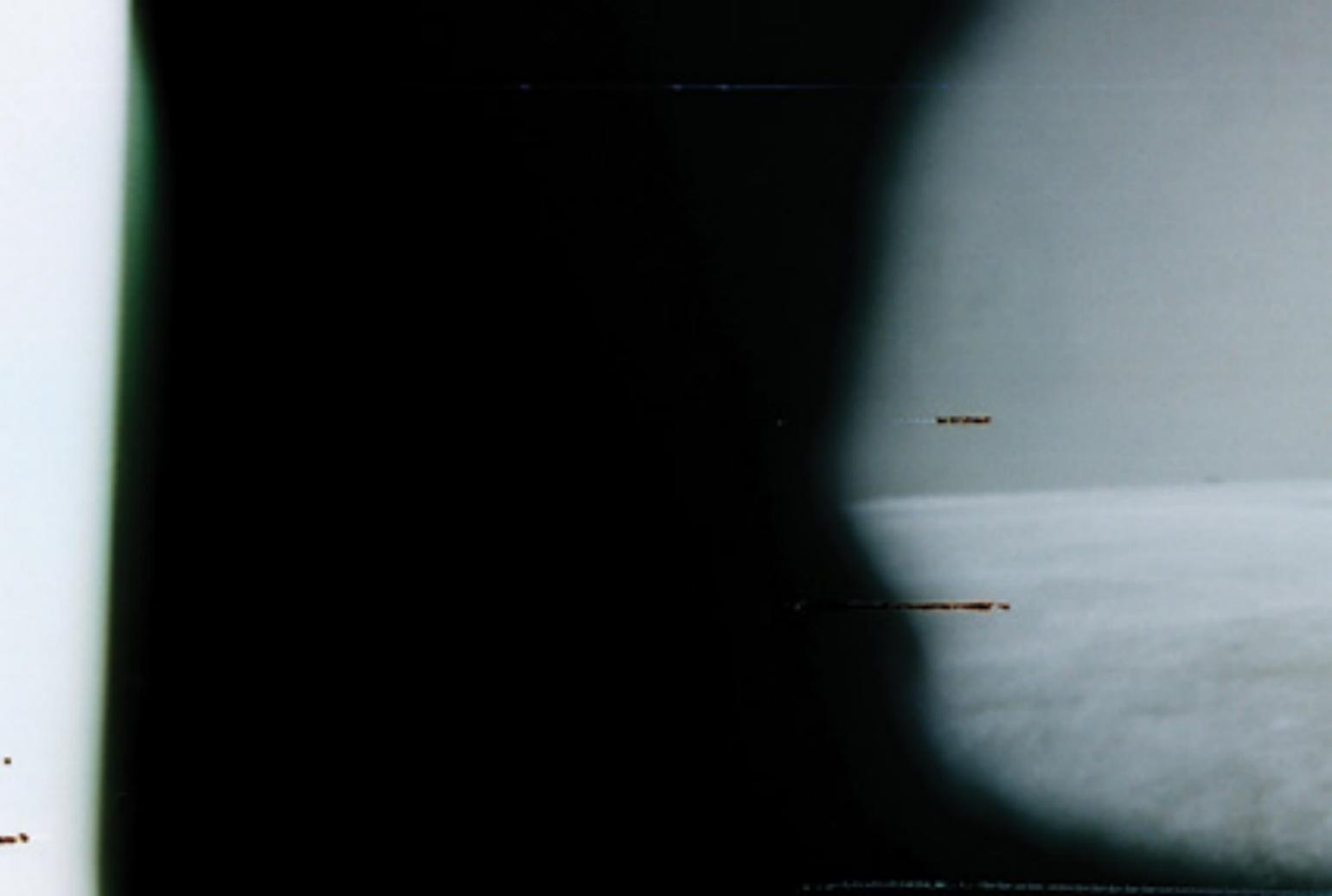




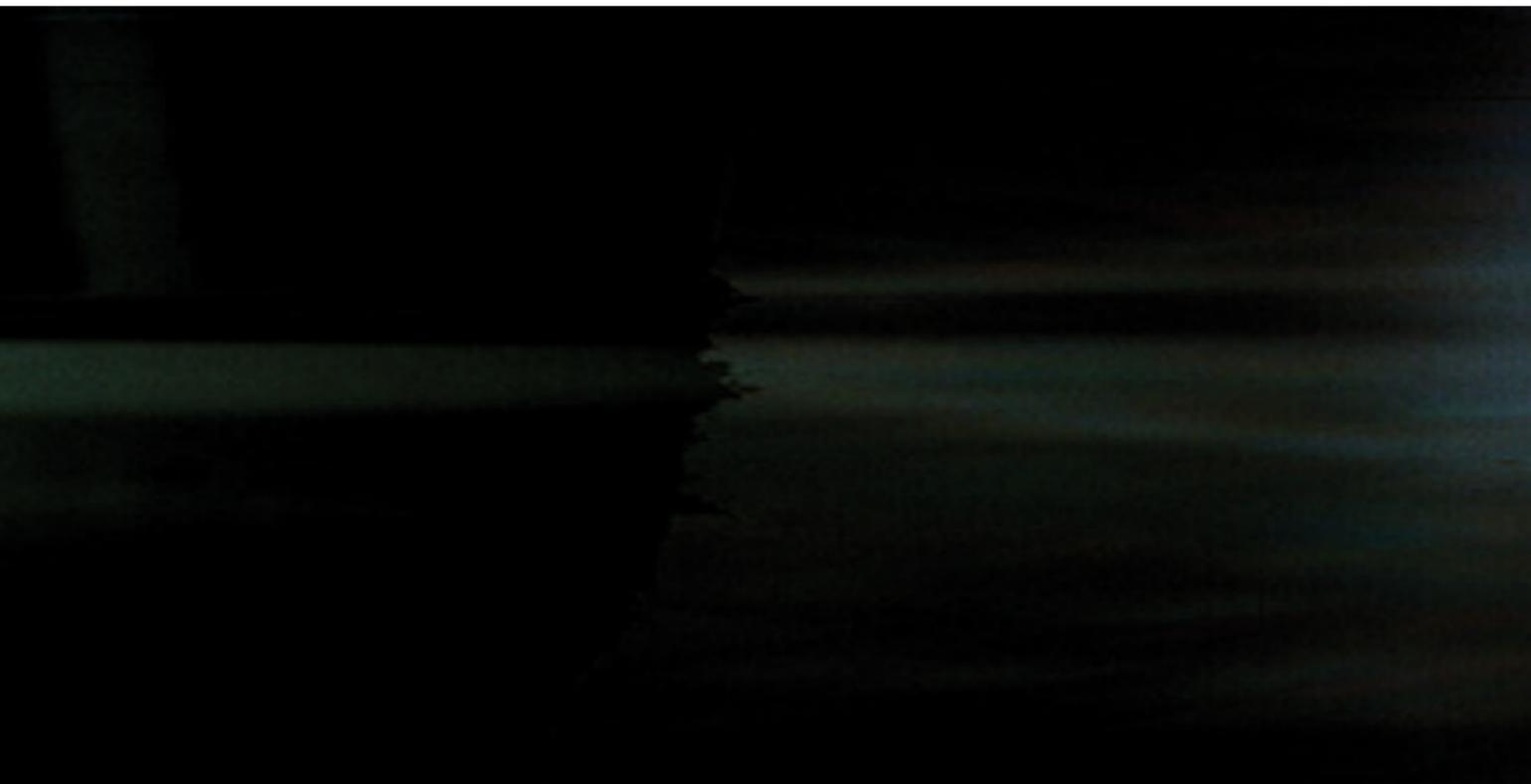






























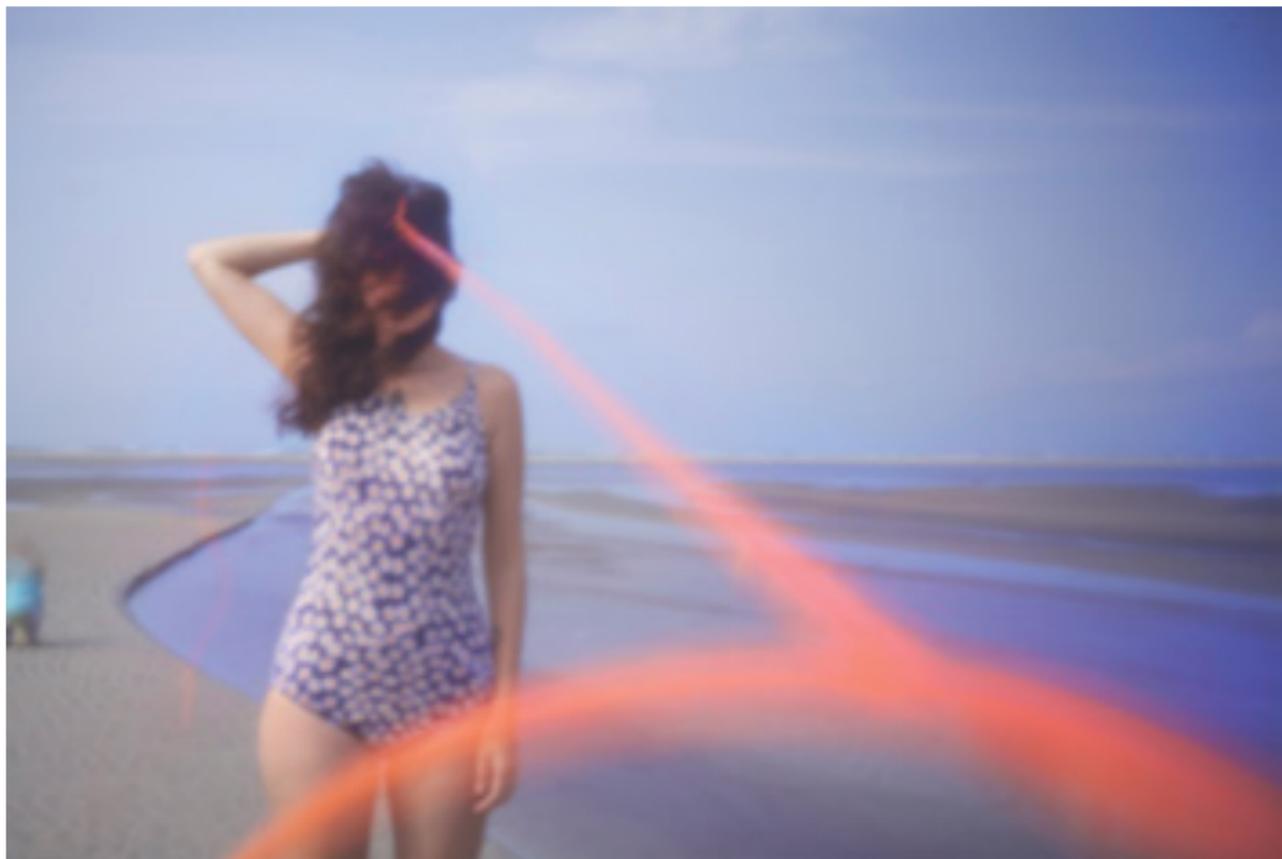














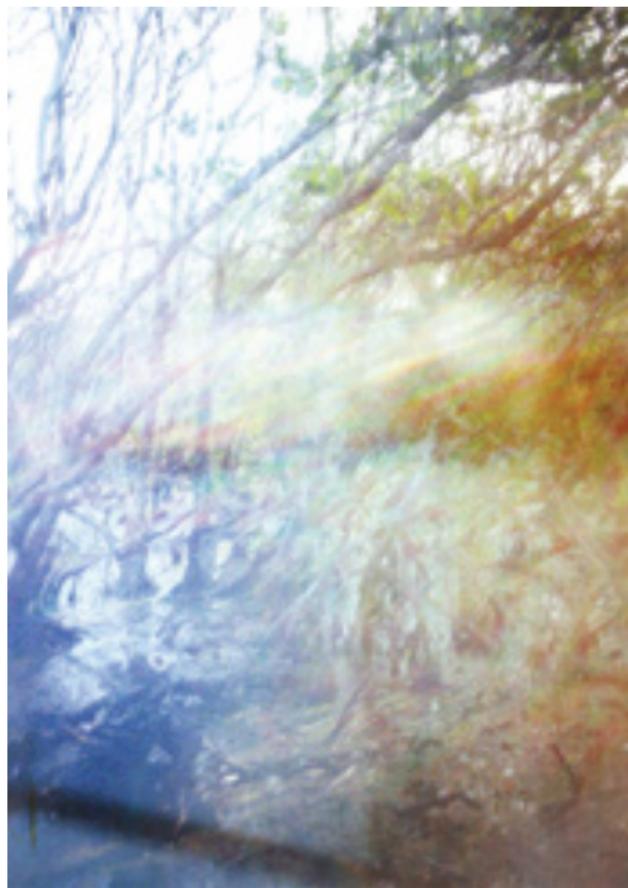








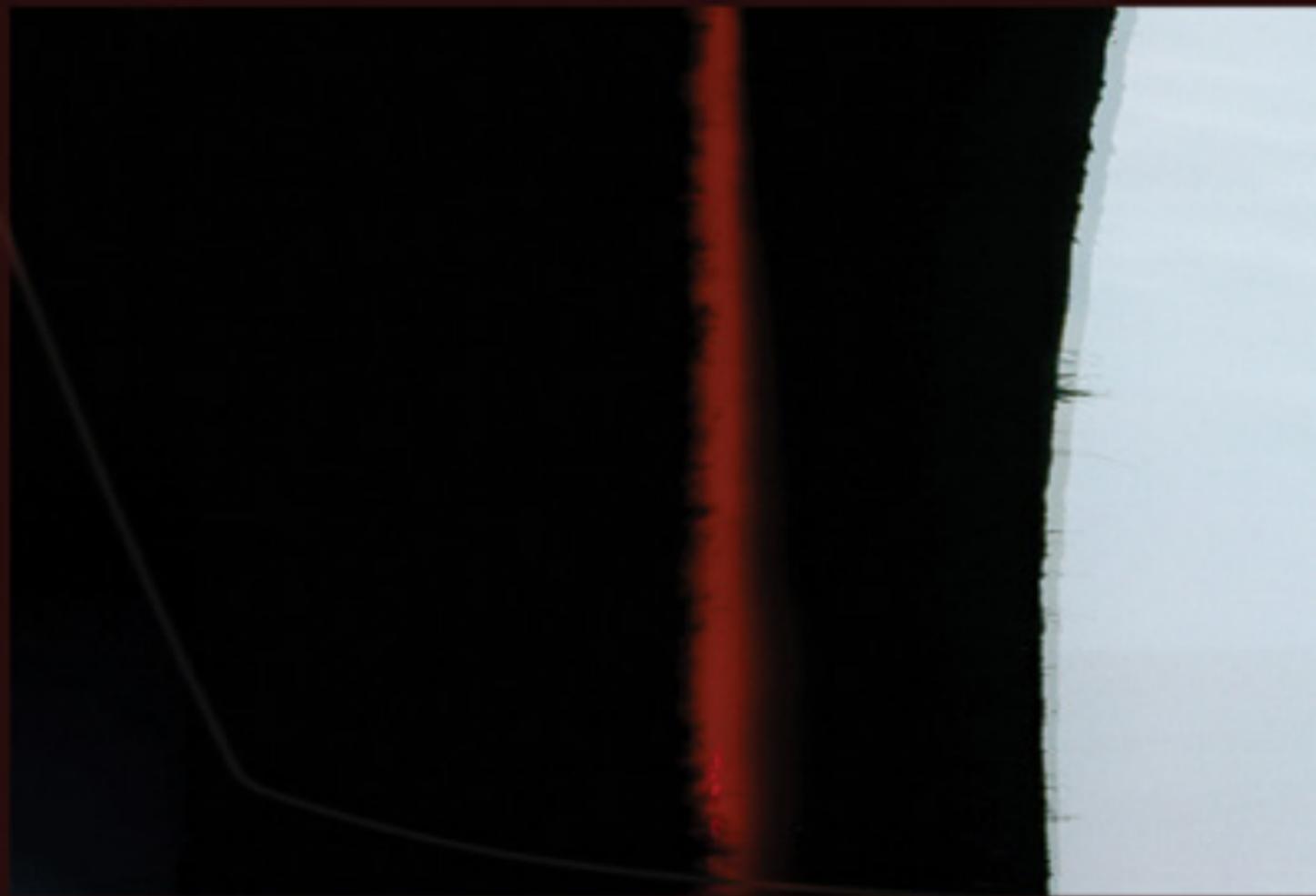














**coleção**  
**cultura e meio ambiente**

Uma tomada de posição diante da relação  
que mantemos até agora com o planeta,  
agenciando subjetividade, cultura e as questões  
socioambientais.